

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ALINE RORIZ CLEMENTE

**O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA E OS AGENTES DO PROCESSO DE
ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ANÁPOLIS – GO

2019

ALINE RORIZ CLEMENTE

**O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA E OS AGENTES DO PROCESSO DE
ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Ma. Allyne Chaveiro Farinha.

ANÁPOLIS – GO

2019

ALINE RORIZ CLEMENTE

**O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA E OS AGENTES DO PROCESSO DE
ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Ma. Allyne Chaveiro Farinha.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

M.^a Allyne Chaveiro Farinha
ORIENTADOR

Dr. Edna Aparecida de Oliveira
CONVIDADO

M.e Willian Cândido
CONVIDADO

O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA E OS AGENTES DO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RESUMO

De acordo com a Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a educação infantil tem como premissa colaborar com a educação que a criança traz da família, garantindo a aprendizagem e o desenvolvimento integral do alunado nas creches e na pré-escola. A metodologia usada é a análise bibliográfica das concepções da Teoria do Apego e outros aspectos pedagógicos em Winnicott (1971, 2001) Rossetti-Ferreira (1984, 1986), Rapoport, Piccinini (2001) Bowlby (1989, 1995). Evidenciam-se no corpo deste trabalho as concepções sobre o processo de adaptação de alunos em fase de entrada na escola, as técnicas utilizadas para lidar com os alunos nesse momento e os mecanismos que contribuem para a socialização da criança. Para isso, além da análise bibliográfica, utiliza-se análise de entrevistas com de três gestoras da cidade de Anápolis-GO. Este trabalho se justifica por contribuir com o entendimento das inúmeras variáveis que compõem um momento tão peculiar na vida do aluno em formação.

Palavras-chave: Adaptação; Teoria do Apego; Ensino Infantil.

ABSTRACT

According to the Law No. 9,394 / 96 Diretrizes e Bases da Educação Nacional, the premise of education is to collaborate with the education that the child brings of the family, guaranteeing the learning and the integral development of the child in kindergartens and preschool. The methodology used is the bibliographical analysis of the concepts of the Theory of Attachment and other pedagogical aspects in Winnicott (1971, 2001) Rossetti-Ferreira (1984, 1986), Rapoport, Piccinini (2001) Bowlby (1989, 1995). This work talk about the process of adaptation of students entering the school, the techniques used to deal with the students at that moment, and the mechanisms that contribute to the socialization of the child. For this, in addition to the bibliographical analysis, it uses analysis of interviews with three managers in the city of Anápolis-GO. This work is justified by contributing to the understanding of the many variables that make up such a peculiar moment in the life of the student in formation.

Keywords: Adaptacion; Theory of Attachment; Child Education.

1 INTRODUÇÃO

Muitas vezes os pais, no decorrer do crescimento da criança, se veem obrigados a colocar o filho na escola, aos cuidados de outras pessoas, por necessidade, pois precisam trabalhar. Outras vezes, ao colocar a criança na escola buscam o desenvolvimento dela perante a um novo conjunto de regras sociais, que prepara para a vida.

Independente do motivo, ao adentrar à escola, a criança, os pais e os profissionais da educação passam por um período de adaptação que pode se dar de maneira difícil ou sofrida. A criança, agente de toda a ação, passa por um momento de sofrimento, ao ver a troca de cuidado e afetos que agora se dá em sua vida. Portanto, a pergunta que norteia este é: Quais são os meios e as formas de se lidar com as possíveis dificuldades do processo de adaptação?

Este trabalho, em um primeiro momento, trata acerca dos princípios básicos da educação, considerando-a como um princípio essencial do ser humano, direito de todos e dever do estado. Na sequência, elucida-se acerca da criança e o modo como sua afetividade é construída, para isso, leva-se em consideração, principalmente, a Teoria do Apego (BOWLBY, 1989, 1995), que entende que o apego é um mecanismo básico dos seres humanos.

O próximo tópico trata acerca da adaptação e de seus agentes, visto que o processo de ensino aprendizagem, assim como o momento inicial da criança na escola, requer diálogo entre família, escola e aluno, para que tudo se dê de forma positiva para a criança.

Por último, apresenta-se o resultado de questionário aplicado com três profissionais de gestão de escolas da cidade de Anápolis-GO, onde, através do material levantado, analise-se a concepção de adaptação, assim como as estratégias levantadas por cada uma para lidar com esse processo.

Portanto, justifica-se este trabalho, pois, como aspecto tão basilar da construção humana, entende-se que a escola e os profissionais da educação ganham no estudo do processo de adaptação, visto que se pode contribuir de forma significativa nesse momento que pode ser tão dolorido, a adaptação das crianças no contexto escolar.

2 OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Falar de educação infantil significa pensar na concepção de criança, pois na história a criança era pensada muitas vezes como um adulto em miniatura, pelo fato de que sempre os adultos que contavam suas histórias, concebendo-as como um “ser” inferior, que não tinha opiniões próprias. A criança “por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim como um adulto em miniatura” (ROCHA, 2002, p.53).

A criança era vista como substituível, ou seja, não era necessária, tinha uma função na sociedade que era apenas de ser útil aos adultos para realizarem tarefas, ajudando no que fosse necessário. Nesse contexto, a criança era vista como um ser que nem sequer pensava, não tinha razão, que só apenas quando virasse adulto iria adquirir uma racionalidade (ROCHA, 2002).

Pelo fato das crianças serem vistas como adultos pequenos, elas eram tratadas de forma grosseira. Segundo Rocha (2002, p.55) “Os adultos se relacionavam com as crianças sem discriminações, falavam vulgaridades, realizavam brincadeiras grosseiras, todos os tipos de assuntos eram discutidos na sua frente”. Não existia a percepção de que a criança era um ser em desenvolvimento, que precisava de cuidado e educação, hoje ainda é importante entender essa questão, porque muitos pais veem a escola como local de “depósito de crianças”. Matriculam seus filhos e apenas retornam à escola quando os alunos estão com problemas, baixo desempenho ou quando a coordenação solicita a presença. Mas sem a família não há como promover uma boa educação.

Nesse sentido, só com o passar do tempo a criança foi ganhando destaque na sociedade, para isso o estado e a igreja contribuíram ao não aceitarem as violências que eram impostas as crianças. A educação das crianças era feita pelas famílias, principalmente pela mãe, estabelecendo cuidados e regras para essa educação, bem como o zelo pela saúde dessas crianças, com isso os laços eram fortalecidos. Essas mudanças aconteceram por volta do século XVIII (ROCHA, 2002).

Para a criança, no seu processo de aprendizagem, a escola pode se tornar uma espécie de segunda casa, de modo que se pode destacar a importância dos processos de interação, uma vez que a cada experiência vivida pela criança na escola, ela cresce como cidadão no mundo. Elas “possuem uma natureza singular,

que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio” (BRASIL, 1998, vol.3, p. 21).

Educar significa proporcionar ao outro a oportunidade de se construir dentro da sociedade, é um processo de uma transformação interior para se interferir no mundo, a fim de proporcionar uma produção de conhecimentos ainda não existente e se preencher de forma crítica as que já existem. Educar não existe quando se tenta fazer dessa ação um elemento técnico e transmissivo, mas ela se manifesta quando há o entrelaçamento de saberes entre o adulto e a criança, o que possibilita ao sujeito mirim uma condição de estar no mundo.

No Brasil muitas crianças possuem acesso à educação, mas também existem outras crianças que não têm acesso e que deveriam ter, mas vivenciam outra realidade em que “é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas dependendo da classe social a qual pertencem do grupo étnico do qual fazem parte” (BRASIL, 1998, vol.3, p. 21,). Essas crianças que não têm acesso à escola podem acabar na criminalidade, sendo abusadas e exploradas por adultos. É importante levar em consideração as características da educação no Brasil.

Toda sociedade precisa da escola, visto que é nela que a criança é formada para o exercício de sua cidadania, onde a escola cada vez mais, ao longo do tempo, foi se tornando o lugar onde se fortalece esses aspectos sociais, por essa razão o estado tem a obrigatoriedade por lei de garantir educação básica, no Brasil “foi apenas com a Constituição Federal (CF) de 1988 que a educação infantil começou a ser definida como responsabilidade do Estado” (SILVA, 2011, p.230), visto que até a data mencionada, esta etapa da escola não estava regulamentada em lei.

Silva (2011) mostra que:

Uma das dimensões na educação como direito é a de se fazer assegurar, no arcabouço normativo que a regula, fundamentos, princípios, diretrizes e orientações, definindo com mais precisão as obrigações e responsabilidades do Estado. Assegurar na letra da lei qualquer direito ou dever não significa que sua efetividade realizou-se ou se realizará; no entanto, trata-se de um passo importante para que a sociedade faça avançar sempre mais suas lutas e conquistas de afirmação da educação como direito básico e fundamental, especialmente quando tais inscrições vêm a consolidar princípios e políticas afirmados, apenas, enquanto opções de determinado grupo ou partido no poder, configurando-se como políticas de governo, longe de assumirem o estatuto de políticas de Estado (SILVA, 2011, p.30).

No contexto de Brasil, um país tão grande, que possui diferenças culturais, políticas e econômicas estonteantes, a educação passa a ser não apenas uma forma de formação moral e cívica, mas também uma forma de ascensão social que pode proporcionar uma vida melhor em todos os sentidos. Almeida (1994) sobre o tema, diz:

[...] o cotidiano da sala de aula caracteriza-se como fonte inesgotável de conhecimentos, e desta fonte que deverão ser retirados os elementos teóricos que permitam compreender e direcionar uma ação consciente que procure superar as deficiências encontradas e recuperar o real significado do papel do professor, no sentido de apropriar-se de um “fazer” e de um “saber fazer” adequados ao momento que vive a escola atual (ALMEIDA, 1994, p. 39).

Como aponta Kramer (1999), as creches e pré-escolas são modalidades de educação infantil em que o trabalho deve ser realizado no seu interior com caráter educativo para proporcionar a assistência, alimentação, saúde e segurança para as crianças, possibilitando as condições materiais e humanas que tragam os benefícios sociais e culturais.

Com o passar dos tempos, mudou-se a concepção do espaço da educação infantil destinado à criança, que sempre foi de suma importância para o seu desenvolvimento infantil, cultural e social, pois possibilita para criança a interação com o meio, contribuindo com o seu processo de autonomia de maneira natural. Segundo a autora Sonia Kramer (1999, p.1):

A educação infantil tem papel social importante no desenvolvimento humano e social. A prioridade é a escola fundamental, com acesso e permanência das crianças e aquisição dos conhecimentos, mas a luta pela escola fundamental não contraria a importância da educação infantil - primeira etapa da educação básica - para todos.

É possível destacar o quanto o processo de ensino da educação infantil exige que todos os envolvidos da área, independente de suas funções, se engajem, principalmente no processo de chegada da criança à escola. Na educação infantil, o cuidar está ligado à educação, exigindo conhecimentos, habilidades e mecanismos que exploram a parte pedagógica em questão. O cuidar permite valorizar a criança em sua fase de desenvolvimento como ser humano ainda incapaz de realizar necessidades essenciais durante essa fase de sua vida como se higienizar, se alimentar, se vestir sem a ajuda de profissionais pedagógicos, que num contexto educativo, contribuirá para que a criança aprenda de forma educativa e cuidadosa.

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado, segundo o RCNEI: “[...] é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos” (BRASIL, 1998, p. 24, vol.3). Assim, torna-se perceptível que o cuidar e o educar necessitam da compreensão de que a criança agora passa grande parte de seu tempo em um espaço novo, por isso exige esforço e mediação dos adultos, responsáveis em proporcionar ambientes que estimulem a curiosidade, com consciência e responsabilidade.

O processo de educar na educação infantil será capaz de auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento da criança em relação às atitudes corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, a fim de contribuir para a sua formação. O RCNEI (1998) define que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, vol.3, p. 23,)

Como visto, a educação infantil demorou muito tempo para ser regulamentada, assim o olhar para a educação delas não existia atendendo suas necessidade, pois quando acontecia era a partir da visão adulta, não considerando a criança como ser. Com o passar do tempo e regulamentação, as crianças puderam adentrar ao ambiente escolar, possibilitando que fossem inseridas na vida humana, mas a escola possuía problemas e com o tempo foi sendo repensada, como acontece até hoje. Pensando nisso, o processo de adaptação se tornou então um foco importante na pedagogia, para que melhor fosse entendido como a criança que chega a escola se sente, e como esse trabalho é feito.

3 DESENVOLVIMENTO SOCIOAFETIVO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Durante o crescimento do ser humano são criados inúmeros laços afetivos, em especial, na infância há um apego particular à mãe, já que esta é responsável por cuidados básicos, e é o primeiro contato da criança com o mundo, inicialmente tão hostil. Neste momento é criada uma relação muito especial entre mãe e filho¹. Para Bowlby (1989), as relações de apego estabelecidas nesta fase se dão com o propósito de proteção e cuidado, sendo insubstituíveis para o desenvolvimento saudável da criança.

Segundo Silveiras (2004), é de suma importância entender que os pais são os responsáveis pela construção socioafetiva da criança no mundo, sendo a família capaz de criar adultos saudáveis ou não. Apesar de entender que os bebês e as crianças são seres que requerem atenção, deve-se levar em consideração que não são apenas seres sem interação com a realidade, ou seja, possuem capacidade compreender as mudanças que lhes ocorrem. Neste sentido:

Vai por mal caminho o bebê cuja mãe trate dele, ainda que o faça na melhor das intenções, acreditando que os bebês pouco mais são, no princípio, do que um feixe de fisiologia, anatomia e reflexos condicionados. Sem dúvida, esse bebê será bem alimentado, poderá alcançar uma boa saúde física e ter um crescimento normal, mas se a mãe não souber ver no filho recém nascido um ser humano, haverá poucas probabilidades de que a saúde mental seja alicerçada com uma solidez tal que a criança, em sua vida posterior, possa ostentar uma personalidade rica e estável, suscetível não só de adaptar-se ao mundo, mas também participar de um mundo que exige adaptação (WINNICOTT, 1971, p. 37).

Portanto, para o desenvolvimento pleno e saudável da criança, é importante que se entenda que o bebê não é apenas um ser sem identidade ou pensamento, pode ser influenciado, por isso é necessário entender que se trata de um ser humano já muito complexo. Cabe ressaltar que este processo gera inevitavelmente o apego, em que é criado um vínculo emocional importante na primeira infância. Rossetti-Ferreira (1984, p.7) apresenta uma das características básicas do apego é:

¹Como pode ser visto em Winnicott (2001), uma relação mãe-filho que não seja saudável (que cuide, conforte, ensine) pode fazer com que indivíduo apresente no futuro padrões de comportamento caracterizados por inquietude, estranhamento, apatia, inibição e complacência.

[...] a busca de proximidade das pessoas que é o objeto do apego, ou seja, faz de parte de uma condição humano de preocupação humano com a criança, desde contato físico e aproximação, até distais, como interação e comunicação à distância (olhar, sorriso, vocalização).

Ortiz, Fuentes, López (2004) destacam ainda que o apego é o vínculo emocional de suma importância na primeira infância, apresentando alguns componentes básicos: condutas de apego (ligadas às relações entre os indivíduos), a representação mental (a ideia que as crianças constroem em relação aos outros e aos sentimentos), concluindo-se com o modo como tais crianças demonstram o apego (ou a falta dele). Nota-se que ao construir relações de apego a criança cresce confortável para estabelecer relações sociais, visto que o apego oferece segurança para este indivíduo ao crescer.

3.1 O apego na primeira infância

Conforme Winnicott (1971), o recém-nascido vive vários choques de realidade, visto que tem que se adaptar na vida fora do útero que é tão confortável. Cria-se, então, um laço de afeto com a mãe, através do colo, do olhar e mesmo da amamentação, pois a mesma favorece a existência do bebê, proporcionando bases para sua saúde, sendo de muita importância essas relações criadas com o recém-nascido, pois pode moldar o mesmo até a fase adulta.

Nas pesquisas sobre o desenvolvimento da criança, a relação do apego no de envolvimento socioafetivo e o momento de ir à escola, precisa de uma atenção especial, por isso – a existência da Teoria do Apego, criada pelo médico e pesquisador da área John Bowlby, em 1951. Os estudos de Bowlby foram criados a partir do pedido da Organização Mundial da Saúde, visto que havia uma preocupação geral com as consequências para as crianças devido à Segunda Guerra Mundial, que aconteceu de 1939 até 1945. Nesse estudo, ele investigou crianças de 0 a 3 anos que sofriam influências em seu desenvolvimento graças a negatividade em sua criação, seja por cuidados inadequados ou separação da mãe neste período, sendo essencial que o bebê ou a criança tenham uma relação de afeto com a família, principalmente com a mãe (RAPOPORT, PICCININI, 2001). Mesmo com esse cenário triste, pôde-se perceber que a Teoria do Apego pode contribuir para os estudos realizados sobre as crianças e suas relações afetivas,

visto que é a partir dela que se evidenciou a importância do cuidado e do afeto no decorrer do desenvolvimento da criança.

Pode-se entender, portanto, que o:

sistema de apego é um constructo organizacional que descreve a complexa gama de emoções, comportamentos, cognições e modelos de funcionamento interno envolvidos no esforço infantil de manter em um nível confortável o sentimento de segurança". (KIRKPATRICK; SHAVER, 1990 apud AUGUST; SPERANDIO, 2015, p. 2).

Dessa forma, Bowlby (1995) afirma que a Teoria do Apego pode contribuir para os estudos pedagógicos, visto que trata do desenvolvimento humano, possibilitando uma contribuição para se tratar a ansiedade criada pela separação quando são afastadas dos cuidados de casa ao adentrarem a escola. Para o autor, a construção de uma personalidade com saúde mental, ou seja, com estabilidade e autoconfiança, principalmente nos 3 primeiros anos de vida é essencial para a crianças e ela precisa contar com a segurança de figuras de apego (não só a mãe), por isso, entende-se a importância de se pensar o cuidado com o aluno recém-chegado na escola, para que o processo possa ser de menos doloroso para pais e filhos.

J. Bowlby considerou o apego como um mecanismo básico dos seres humanos. Ou seja, é um comportamento biologicamente programado, como o mecanismo de alimentação e da sexualidade, e é considerado como um sistema de controle homeostático, que funciona dentro de um contexto de outros sistemas de controle comportamentais. O papel do apego na vida dos seres humanos envolve o conhecimento de que uma figura de apego está disponível e oferece respostas, proporcionando um sentimento de segurança que é fortificador da relação. (CASSIDY, 1999 apud DALBEM; DELL'AGLIO, 2005, p.14).

Portanto, o apego é uma necessidade básica do ser humano, por isso, quando a criança chega à escola é importante que as pessoas ao seu redor entendam que esse período se dá de uma maneira muito difícil para a criança, tendo que esse adulto ter responsabilidades sentimentais com essa criança. Para Bowlby (1995), o apego tem a função de sobrevivência da espécie, visto que busca manter uma proximidade com a pessoa que cuida de um ser indefeso, protegendo-o. Para o autor, a ansiedade causada na separação se dá justamente pelo fato de o medo ser uma reação biológica de sobrevivência, visto que a criança se sente desprotegida ao chegar nesse ambiente novo.

Como demonstra a Teoria do Apego, o apego requer por parte da criança o reconhecimento cognitivo da figura da mãe, tendo a capacidade manter essa figura

na memória. De acordo com Bowlby (1995), a quebra do afeto graças à separação se dá de duas formas: protesto devido à separação e à angústia. Os modos como as crianças demonstram são olhar de cautela, expressão facial de cautela, tremor, choro, busca de abrigo além de poder correr e se agarrar a alguém. Depois dessas reações, segue-se a imobilização (muitas vezes conhecida como birra), a procura por distância da “ameaça” e a procura por um objeto de proteção.

A psicóloga Mary Ainsworth desenvolve pesquisas que contribuem para a Teoria do Apego, introduzindo a teoria dos padrões de apego, que são apego seguro, apego inseguro, apego inseguro ambivalente, apego evitativo e apego desorganizado. Ainsworth (1978 apud DALBEM; DELL’AGLIO, 2005, p.17) demonstra que o apego seguro ocorre quando a criança consegue entender o ambiente, em que está separada dos cuidadores, não demonstra insegurança. O apego resistente, um aspecto intermediário, acontece quando a criança, no mesmo contexto descrito não possui interesse em explorar o ambiente, não se aproximando de pessoas estranhas a ela. Aos padrões evitativos estão ligadas as crianças que permanecem tranquilas quando separadas de seus cuidadores. As crianças no apego desorganizado demonstram-se irritadas, apreensivas e perturbadas.

Como visto, a criança reage de diferentes formas devido a essa separação, tema deste trabalho, sendo várias reações diferentes que pode ter durante este processo de separação ao se chegar à escola. O apego, como demonstrado, é uma reação humana biológica necessária, visto que o cuidador tem a função de proteger este novo espécime que chega a vida, fazendo parte, portanto, do processo de evolução da espécie.

O apego não é uma questão que deva ser deixado de lado, visto que durante o decorrer do tempo, vários estudiosos deram atenção a esse aspecto importante no desenvolvimento socioafetivo. As coisas que acontecem com as crianças neste período conseguem influenciar no resto de sua vida. Ressalta-se que a escola é um lugar onde se passa grande parte da vida, ela “[...] deve ser permeada de afeto. Precisamos não só ensinar o currículo, mas ensinar a amar, a ter empatia com o outro, e isso só se dá através do afeto e da afetividade” (DE PAULA e FARIA, 2010 p.1).

3.2A adaptação

A educação, como se sabe, é um direito fundamental das pessoas, muitas leis foram criadas para que esse direito seja preservado. Por exemplo, de acordo com o art.205, da Constituição Federal Brasileira:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p 56).

Portanto, analisando o trecho acima, além de ser um direito básico, a educação deve visar o pleno desenvolvimento da pessoa, neste sentido, é importante se pensar de que forma essa “plenitude” se dá. No que diz respeito à educação infantil, de acordo com a Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), tem-se a premissa de ajudar na formação que a criança traz da família, garantindo a aprendizagem e o desenvolvimento integral do alunado nas creches e na pré-escola. Todavia, mesmo que as leis sejam tão claras quanto aos objetivos da educação, entende-se que não é fácil o processo de educar, ao lidar com os recém-chegados, por exemplo, pois o apego e falta de independência exigem muito do profissional que o recebe.

Como visto, para a criança, o apego, o cuidado e a proteção são de suma importância em seu desenvolvimento, uma vez que a chegada à escola pode se tornar um verdadeiro martírio na vida desta, que “perde” esse cuidado direto com os pais ao ficardurante algumas horas na escola. Neste sentido, o processo de adaptação pode ser difícil para o aluno, principalmente para a criança pequena, nos anos iniciais da Educação Infantil, que frequenta a escola pela primeira vez.

Ressalta-se que o cuidado com a criança tem a função não apenas de garantir a sua saúde, ou seja, seu desenvolvimento físico no mundo, mas também o de ensinar “à criança os comportamentos valorizados pela sociedade (comportamentos pró-sociais), permitindo-lhe adaptar-se mais facilmente à vida acadêmica e social” (MONDIN, 2005, p.132). Entretanto, para que isso aconteça de forma mais natural para a criança, o processo de adaptação na unidade escolar deve ser bem planejado, haja vista que este processo não se dá de forma fácil para nenhuma das partes: o aluno precisa se adaptar a essa nova realidade que lhe é imposta, diferente daquilo que ele conhece e os pais precisam lidar com a ansiedade de deixarem seu filho com outra pessoa, além de temerem a reação da criança. É um processo que envolve escola, professores, crianças e familiares. Segundo

Bassedas, Huguet e Solé (1999, p.166):

Nem todas as crianças adaptam-se com a mesma facilidade ou dificuldade às situações novas. Isso depende de muitos fatores, entre os quais podemos destacar a idade e suas experiências de segurança em contextos anteriores. Assim sendo, tanto a escola como a família devem planejar corretamente o período de adaptação, não podendo evitar que a criança manifeste seus sentimentos como medo, insegurança, choros e resistências ao entrar na escola. O que é preciso evitar é que essa situação se prolongue, mas que seja vivida e bem elaborada por todos os envolvidos.

Portanto, o aluno não é um ser passivo e como sujeito complexo possui um universo em si mesmo, possui mesmo pequeno, experiências de mundo que lhe são próprias, possuindo um papel ativo e responsável em sua construção. Por isso, o processo de adaptação, mesmo que muitas vezes doloroso é necessário ao crescimento e amadurecimento da criança (GIORDANI e SIQUEIRA, 2014).

É durante o processo de adaptação que a criança vai ser obrigada a lidar com uma nova rotina: novo horário para comer, com um novo espaço, além de estar em contato com pessoas estranhas como a educadora e as outras crianças. Nesse momento, a escola deve propiciar a esse aluno segurança, confortando-o e também a seus pais, que deixam seu filho aos cuidados de outra pessoa. Isso se dá ao acolher essas pessoas com atenção, mostrando como a escola funciona, atendendo cada caso individualmente (GIORDANI e SIQUEIRA, 2014). Contudo, muitas vezes a criança mesmo sentindo-se aflita e deixada de lado, pode esconder por um tempo seus sentimentos, como se a escola já fizesse parte de sua rotina há muito tempo, revelando eles mais tarde, necessitando que o professor esteja atento às peculiaridades de cada caso (MENEGETTI, 2010).

Como pode ser visto em Giordani e Siqueira (2014), um processo que costuma ajudar na adaptação é conhecer os anseios e querências de cada caso, antes mesmo que a criança vá para a escola. Pode-se

Fazer uma breve entrevista com os pais antes de se iniciarem as aulas ajuda o professor a conhecer quais são os modelos de aprendizagem que a criança possui para poder auxiliar a fazer as mediações necessárias, as adaptações da criança a este novo contexto, a escola. Os pais podem relatar os gostos e manias de seus filhos, como ele gosta de ser tratado e outros aspectos que podem ser importantes para a criança sentir que existe uma ligação entre ela e o novo adulto de referência, ou seja, a professora. (GIORDANI E SIQUEIRA, 2014, p. 80).

Conhecer de forma tão particular cada caso pode fazer com que esse processo que, como dito anteriormente, pode ser tão dolorido, seja feito de forma

mais confortável para todas as partes. Além de demonstrar interesse por parte dos profissionais envolvidos no processo de educar e cuidar transmite-se confiança para a família, ao estarem confiantes por saberem que sua criança está sendo acolhida de forma tão particular. Neste sentido, entende-se que a criança ao ver os pais confortáveis com a situação, pode adentrar ao processo de adaptação de maneira mais fácil, como indica Caballo (2001, p. 277)

Na família, por exemplo, o comportamento dos pais torna mais provável o comportamento de filhos, mediante a aprendizagem observacional, formando-se uma cadeia de transmissão de regras de estilos de comportamentos de pais para filhos.

Ou seja, a criança ao ver os adultos-referências confortáveis com o processo de adaptação, não só facilitará o processo de adaptação, mas contribui de forma positiva, pois a criança sofrerá menos, passará a gostar mais da escola, o que contribui diretamente para seu processo de ensino-aprendizagem.

3.2.1 O professor

Outro componente no processo de adaptação é o professor, que faz parte do complexo de integração da criança na escola. O educador precisa possuir claramente em sua cabeça os princípios que irão nortear sua ação pedagógica, não pode se esquecer de que lida ali com um ser humano, neste sentido, precisa procurar criar laços afetivos com o aluno, o que acaba por dar suporte para o processo de adaptação. Giordani (2005, p 46) corrobora essas afirmativas ao dizer que “uma vez que não se conhece o ser humano, também não se sabe como utilizar seus próprios recursos para desenvolvê-los no contexto social a que pertence”.

Para o professor, planejar bem é fundamental para que o processo de adaptação tenha êxito, o que favorece a familiarização da criança neste novo ambiente escolar, contribuindo assim para o processo de ensino-aprendizagem e a socialização da criança. O professor deve ser um facilitador que, de forma lúdica, atrativa, segura, prazerosa, inicia o processo de ensino-aprendizagem, como sintetiza Soares citadoporLIBÂNEO (1999, p. 135):

O Pedagogo assume a tarefa de orientar a prática educativa de modos conscientes, intencionais, sistemáticos, para finalidades sociais e políticas cunhadas a partir de interesses concretos no seio

da prática social, ou seja, de acordo com exigências concretas postas à humanização num determinado contexto histórico social. Junto a isso formula e desenvolve condições metodológicas e organizativas para viabilizar a atividade educativa nos âmbitos da escola e extra-escola.

Como explicado por SoaresapudLibâneo (2004), o bom educador é aquele que une o saber teórico e prático em sua ação, contribuindo diretamente para uma escola que ajude no caráter de seus alunos. Tardif (2002, p. 36) define os saberes plurais que o educador precisa ter: Saberes da formação profissional, caracterizados como conjunto de saberes transmitido pelas instituições de formação (escolas normais ou faculdades). O professor e o ensino constituem objeto de saber para as ciências e para as ciências da educação; Os saberes pedagógicos caracterizam-se como doutrinas ou concepções provenientes de reflexos sobre a prática educativa no sentido mais amplo do termo, reflexões racionais e normativas que conduzem o sistema mais ou menos coerente de representações e de orientação da atividade educativa; Saberes curriculares caracteriza-se como discursos objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a constituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais, definidos como modelo de cultura e formação erudita; Saberes experienciais ou práticos compreende os saberes produzidos pelos professores que no exercício da função desenvolvem saberes específicos baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Os saberes que brotam da experiência e são por ela validados.

Neste sentido, entende-se que o professor ao estar bem preparado é capaz de realizar a sua função no processo de adaptação escolar da criança: a de receber o aluno, auxiliando-o para que o processo de ensino-aprendizagem se dê de forma positiva. É preciso que o professor conheça seu aluno, interaja com ele, dando carinho, ou seja, estabelecendo um laço com ele. Juntos aos pais, que conhecem seus filhos, o professor pode identificar as mudanças no comportamento da criança, identificando assim as dificuldades do processo de adaptação.

Como visto, o professor precisa estar atento ao comportamento da criança, visto que as mudanças podem ser graduais e sutis. Nesse sentido, o professor acaba por assumir uma responsabilidade ética de cuidar, já que “A criança sofre influências de toda e qualquer forma de atividade ambiental, de atividade biológica, da física, da do estado de ânimo das pessoas com quem convive, etc.” (VIDOR, 1978, p.17), ou seja, ela está suscetível às mudanças.

Essas mudanças de comportamento podem ser notadas, por exemplo, com o choro. Mesmo que muitas crianças se adaptem e, mesmo assim não chorem, o choro é importante, visto que é o modo como a criança se comunica, o professor, portanto precisa estar atento para fazer a intervenção quando necessário. Fora o choro, a recusa a se alimentarem, não conversar com alguém e a recusa em fazer as necessidades básicas como ir ao banheiro, exemplo de manifestação de rebeldia e angústia que o professor precisa estar atento (MENEGETTI, 2010). Ao notar essas coisas, o professor precisa mediar, construir um ambiente saudável para o aluno, contribuindo para o processo de adaptação.

As atitudes que podem ser tomadas pelo professor para o desenvolvimento positivo do processo de adaptação são: organizar um tempo para recebimento dos pais para apresentação do espaço físico da escola, sua proposta de trabalho e os profissionais que trabalham nela e a criança deve ir nessa visita, podendo brincar e andar pela escola, interagindo com a professora, Além da entrevista com os pais para conhecimento do aluno; atividades lúdicas e brincadeiras para o primeiro dia; evitar que os pais saiam sem se despedir da criança; conversar com os pais para que a adaptação ocorra num período tranquilo da vida pessoal da família, isso impede que a criança se sinta desamparada (GRILLO, 2005).

3.2.2 O papel da família

É importante ressaltar que durante o processo de adaptação os sentimentos dos pais devem ser levados em consideração, visto que muitos pais não têm escolha ao colocarem seu filho ou filha sobre o cuidado de outro adulto, no contexto de mercado atual muitos colocam seus filhos em creches e pré-escolas porque simplesmente precisam trabalhar para que possam sobreviver a vida moderna. A partir do momento que os pais estão confortáveis e se sentindo entendidos por parte dos educadores, contribui-se, com isso, diretamente para o processo de ensino-aprendizagem, visto que “É preciso ter em mente que a mãe e o pai são a origem de todos os deslocamentos que o indivíduo realiza em direção à independência plena.” (MONDIN, 2005, p.133). Portanto, entende-se a criança sofre influência daqueles que a cercam, sendo de grande importância para o seu desenvolvimento que todos os agentes do processo de ensino-aprendizagem estejam em harmonia.

De acordo com Vila (2000, p.41):

A educação infantil tem três atores: crianças, famílias e profissionais da educação (...) A prática na educação infantil não se pode realizar à margem da família. Por isso a educação infantil (deve ser) uma forma de apoio social para o (melhoramento de) as práticas educativas familiares.

Ao destacar a importância dos pais para o desenvolvimento na educação infantil, Vila (2000) também coloca que a escola é uma espécie de extensão da família, neste sentido a escola seria, portanto, um lugar de pertencimento social para a criança. Entende-se, assim, que no processo de adaptação a família tem a função não só de questionar e cobrar, mas também o papel de participar ativamente da vida escolar de seu filho ou filha.

Muitas vezes, essa participação pode ser escassa, sendo os pais e a família um dos principais motivos para a ocorrência de problemas na vida da criança, prejudicando-a, visto que em todo lugar do país “as escolas vêm acusando um aumento dramático de problemas de comportamento nestas últimas décadas. As escolas estão sendo, essencialmente, uma zona de proteção para uma quantidade cada vez mais crescente de crianças perturbadas pelo divórcio, pobreza e descaso.” (MONDIN, 2005, p.133).

Neste sentido, a família deve ser um porto seguro para a criança, pois mesmo que seja importante preservar sua liberdade enquanto indivíduo, respeitando sua identidade, deve ser também um lugar para que esse ser humano possa voltar a depender quando precisar, visto que, ao educar bem seus filhos - com certeza terão êxito ao saírem de casa para “famílias mais amplas (agrupamentos maiores)” (MONDIN, 2005, p.133). Para Winnicott (2001), esse fenômeno refere-se a segurança, Bowlby (1995) corrobora com esta ideia ao afirmar que o afeto, principalmente, o materno não é encontrado em outros lugares.

A família é para a criança o primeiro e o principal núcleo social do qual participará, neste sentido, levar em consideração os aspectos familiares no contexto da adaptação não só colocar a escola num lugar de segurança quanto ao todo do processo, mas também contribuir para o entendimento de cada caso específico, visto que

Aspectos da dinâmica familiar podem ser muito poderosos na vida da criança, visto ser no lar que, em geral, ela desenvolve quase todos os repertórios básicos de seu comportamento, bem como já os tem como funcionais na ocasião em que tem acesso à escola. (Zamberlan e Biasoli-Alves, 1997, p. 41).

A transição desse núcleo de apoio, quase inesgotável para um ambiente socializado, ou seja, o filho tendo contato com diversas outras crianças com infinitos modos de construção social advindo de suas famílias, pode fazer com que muitos pais possuam o sentimento de perda e de tristeza ao perceber que a criança está crescendo e se separando da família, contudo, o exagero pode indicar insegurança por parte do adulto (MENEGETTI, 2010).

Essa separação muitas vezes se dá por necessidade de sobrevivência. A inserção da mulher no mercado de trabalho contribuiu para o crescimento da necessidade de outro adulto para cuidar e educar os próprios filhos. Ao longo do processo histórico, a escola passa de um lugar onde apenas os privilegiados podem adentrar, mas também um lugar de necessidade, onde os pais confiam seus filhos, visto que, precisam deixar os filhos enquanto saem para trabalhar. E mesmo que um dos pais não trabalhe fora, a escola se configura como um lugar onde a criança pode socializar, aprendendo as normas e as regras da sociedade onde vive (RAPORT e PICCININI, 2004).

Levando em consideração o contexto de construção do apego na vida criança, ele se define pela proximidade de um adulto-referência, num primeiro momento a mãe ou o pai e essa relação até os 4 anos de idade se dá de forma bastante intensa (ROSSETTI-FERREIRA, 1986). Por isso, Bowlby (1995) corrobora com a Teoria do Apego, que a raiz da personalidade humana está nestes primeiros anos da vida humana.

Gosselin (2000, p. 105) sintetiza o comportamento da mãe ao fazer uma análise de outros autores sobre a questão da sensibilidade maternal:

Os pesquisadores (Ignjatovic-Savic, Kovac-Cerovic, Plut, & Pesikan, 1988) sugerem que a sensibilidade maternal abrange ao mesmo tempo respostas às necessidades cognitivas do bebê. Esses autores propõem que o tipo de conforto ofertado pela mãe deve necessariamente abranger um componente cognitivo além de um componente afetivo. Eles dão o exemplo seguinte: um bebê brinca com uma pequena caixa que se abre e fecha; o bebê fecha a caixa e não a pode abrir, então se põe a chorar. Segundo Ainsworth e seus colaboradores (1978), a mãe sensível toma o bebê nos braços e o consola (ela responde com eficácia às necessidades emocionais do bebê). Em contrapartida, para Ignjatovic-Savic e seus colaboradores (1988), a mãe sensível toma o bebê nos braços, consola-o e ensina-o a abrir a caixa (ela responde com eficácia às necessidades emocionais e cognitivas do bebê).

Portanto, a natureza da mãe e o modo como suas relações se dão com seu filho influenciam diretamente não só a sociabilidade da criança, mas também seu

desenvolvimento cognitivo. Gosselin (2000) mostra que as mães de crianças da Educação Infantil, e mesmo antes de irem pra escola (idade pré-escolar), que tem no apego um alto nível de segurança, gastam mais tempo com instruções cognitivas e afetivas da criança, diferente das mães onde o apego é menos seguro. Ou seja, as crianças advindas do primeiro caso demonstram mais domínio no ambiente escolar, nesse sentido, entende-se que a proteção à integridade física da criança não é o único aspecto a ser considerado no processo de crescimento desta. É importante ensinar a criança os aspectos sociais, as regras que são valorizadas na sociedade, o que deixa a criança mais autônoma e mais capaz de se relacionar de forma estável com os outros.

Dado esse contexto, para que o processo de adaptação não seja doloroso à criança, é importante que os pais expliquem a ela a importância de se ir para a escola. No processo de adaptação, pode-se explicar que lá a criança irá adquirir novos amigos e amigas, além de ter uma pessoa para ajudá-la e cuidar ao propiciar um ambiente onde vai aprender novas coisas e, que ele irá, mas voltará para a casa.

A mais valiosa contribuição para o desenvolvimento da criança será reconhecer que as reações das crianças pequenas à separação são válidas e esperadas. O seu próprio conhecimento disto e sua compreensão de que este é um elemento significativo no currículo da primeira infância ajudarão as crianças nos seus cuidados para desenvolverem sua forte noção de si próprias como indivíduos capazes de se sentirem tristes, bravos e magoados. Elas serão capazes de desenvolver a capacidade de lidar com esses sentimentos, sem serem completamente dominadas ou submetidas de maneira ineficaz. (BALABAN, 1988, p.75).

Portanto, é importante entender que o processo de adaptação, apesar de ser um processo onde ocorrerá choro ou questionamentos, contribui para a construção da criança enquanto sujeito. A chegada à escola marca, nesse sentido, um momento singular na vida do indivíduo, onde esse saíra do colo de casa e poderá conhecer novas visões de mundo, obtendo novas experiências existenciais.

4 METODOLOGIA

Para a concretização da presente pesquisa realizou-se inicialmente uma pesquisa bibliográfica a fim de levantar dados sobre a adaptação da criança na Educação Infantil. Realizou-se ainda uma pesquisa de campo em três instituições de Educação Infantil da cidade de Anápolis, uma instituição privada, uma municipal e

uma conveniada, objetivando verificar como estas instituições entendem a importância da adaptação e como preparam este momento para as crianças que recebem. Para tanto, foi aplicado um questionário para as gestoras das instituições, com questões abertas para que se expressassem de maneira mais livre. Os resultados encontrados serão analisados no tópico seguinte.

5ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os questionários foram aplicados na cidade de Anápolis, em três escolas diferentes: uma pública da rede municipal de educação, uma particular e uma conveniada. Que serão identificadas, respectivamente, como gestora 1, gestora 2 e gestora 3.

O 1° questionário: Sexo: Feminino, **Idade:** 38 anos, **Graduação em:** Pedagogia, **Especialização em:** Métodos e Técnicas de Ensino. Gestão Educacional, **Tempo de Gestão:** 7 anos e **Escola:** Municipal.

O 2° questionário: Sexo: Feminino, **Idade:** 47 anos, **Graduação em:** 3° grau completo, **Especialização em:** Educação Infantil, **Tempo de Gestão:** 30 anos como professora, 9 anos como gestora e **Escola:** Particular.

O 3° questionário, Sexo: Feminino, **Idade:** 51 anos, **Graduação em:** Pedagogia, **Especialização em:** Gestão em Educação, **Tempo de Gestão:** 3 anos e 3 meses e **Escola:** Conveniada.

A seguir serão expostas as perguntas feitas nos questionários, as falas das três gestoras e a análise dessas exposições.

“Na sua instituição como é realizado o processo de adaptação da criança?”, essa foi a primeira indagação que obteve as seguintes respostas: A gestora 1 ao ser perguntada sobre como é feito o processo de adaptação em sua escola, afirmou que na escola onde ela trabalha, o processo de adaptação é um momento especial, com muitas brincadeiras e com muita motivação. Já a gestora 2, informou que em sua escola, no processo de adaptação pede-se para a família ficar na escola até que a criança se adapte naturalmente. Para ela, o papel da escola nesse processo é acolher em qualquer tempo. A gestora três expõe que em sua instituição o processo de adaptação é iniciado com um conversa com a família para que se possa relatar como é o comportamento da criança e sua rotina. Para aproximar a rotina que a criança já tem com a rotina da creche. Nos primeiros dias a criança pode levar um objeto que lhe dê segurança, os pais podem buscar mais cedo e são convidados a conhecer a rotina da creche. Podem permanecer por algum tempo, mas não ficam o dia todo.

Como se pode perceber, todas as gestoras entendem a importância do momento de adaptação, porém apenas duas levaram em conta nessa pergunta a importância da participação da família no processo de adaptação. A terceira gestora

aponta para que a criança leve um objeto de confiança, podendo, então ver nesse brinquedo um lugar de segurança, que te lembre de casa, o que é positivo nesse momento de adaptação.

Na segunda questão, indagou-se “Em sua concepção, qual o papel da escola na adaptação?”. A gestora 1 entende que a escola precisa estar preparada para receber os alunos com carinho, visto que é o primeiro momento que ficará sem os pais, portanto, a escola tem a obrigação de oferecer acolhimento e segurança. Segundo a gestora 2, o papel da escola nesse processo é acolher em qualquer tempo. A gestora 3, expõe que o papel da escola é de mediar o processo de adaptação. A escola é orientadora do processo, explicando aos pais como funciona esse processo. Pois a rotina é muito importante, garantindo que a criança seja atendida em suas necessidades de brincadeira, cuidado e estudo.

O que se pode perceber é que todas as gestoras entendem que a escola deve ser um lugar de segurança, tanto para os pais, quanto para as crianças. Isto está de acordo com a teoria apresentada, tendo na escola um lugar de construção para a criança perante a sociedade (BRASIL, 1988).

Depois, se questionou sobre a família na escola “No seu entendimento, qual o papel da família na adaptação?” e “Os pais participam da adaptação na escola? Se sim, por quanto tempo é indicado que permaneçam?”. A gestora 1 disse que entende que é necessário uma confiança por parte da família na instituição, ressaltando o papel de encorajamento com os filhos, para que esses possam entender que ficarão bem. Em sua escola, os pais participam do processo de adaptação, indicam que participem em um período pequeno, entendendo que o processo rápido ajuda a criança, diz, ainda, que é necessário observar cada criança particularmente, visto que cada uma tem seu próprio tempo. Para a gestora 2, o papel da família no processo de adaptação na escola é entender que a escola é a melhor escolha para a socialização, oralidade e crescimento emocional da criança. Tendo que ter paciência, pois cada criança precisa do seu tempo para lidar com os novos acontecimentos em sua vida. Para a gestora 3, o papel da família na adaptação é:

[...]compreender que o ambiente escolar é diferente do familiar, pois tudo é pensado no coletivo. Se a família não colaborar, a adaptação não acontece. Os pais participam em presença física por pouco tempo, mas o acompanhamento familiar em casa nesse processo pode durar até um mês ou mais (GESTORA 3, março/2019).

Assim, verifica-se que as gestoras entendem que é importante o papel da família na construção de um processo adaptativo, sendo que a primeira e a terceira fazem questão de comentar sobre a necessidade de participação pequena dos pais, não no sentido de participar, mas de estarem presentes no contexto escolar até que a criança se sinta segura e para isso, os pais precisam passar essa segurança ao se despedirem. Isso é importante, pois a criança repete os comportamentos dos pais, então, entende-se que se os pais estão confortáveis, os alunos também ficam (CABALLO, 2001).

Também se indagou “Como os pais podem participar e ajudar no período de adaptação?”. A gestora 1 disse que para ela, os pais podem ajudar, além de encorajar a criança a confiar em seu professores e na gestão da escola, buscar a criança no horário de saída corretamente, sendo que isso diminui a insegurança do aluno. Para a gestora 2, os pais podem ajudar na rotina da sala de aula. E para a gestora 3, os pais podem ajudar confiando na instituição e procurando seguir a rotina aos finais de semana para que o trabalho não seja perdido.

Coincidência ou não, todas as gestoras pesquisadas responderam essa pergunta de forma econômica, porém a primeira gestora aponta para um fato interessante: buscar a criança no horário certo pode ajudar a construir uma confiança no aluno, o que, como visto, ajuda no processo de adaptação. Outras partes apontadas como a ajuda em sala de aula e o trabalho nos finais de semana, são outras formas apontadas de ajuda que os pais podem dar (BASSEDAS, HUGUET E SOLÉ, 1999).

Sobre, “Como é possível contornar os desafios do primeiro dia garantindo a satisfação da família?”. A gestora 1 disse que é muito importante um bom planejamento e trabalho equipe, sendo que isso garante a satisfação da família e contorna os desafios do primeiro dia, facilitando o processo de adaptação. A família precisa sentir que a equipe tem preparo tanto psicológico, quanto de afeto, lidando com os alunos de forma carinhosa e educada. É fundamental que aja antecedência de planejamento. Segundo a gestora 2, os desafios do processo de adaptação são contornados com atenção, carinho e acolhimento. E a gestora 3 salienta que é possível contornar os desafios do primeiro dia, garantindo a satisfação da família – para isso é necessário manter a calma, passar segurança aos pais, deixando o telefone disponível para eles e também acreditando no potencial de adaptação da criança. No dia da matrícula, já se orienta as mães sobre este processo, e é

explicando que, se a criança não tem costume de ficar longe dos pais, é necessário que comece a realizar isso gradativamente antes que as aulas comecem.

O planejamento é apontado como um modo essencial para o sucesso do processo de adaptação, isso está condizente com a teoria pedagógica que vê no planejamento um modo correto de se lidar com o processo de ensino aprendizagem.

Segundo Oliveira (2007, p.21)

[...] o ato de planejar exige aspectos básicos a serem considerados. Um primeiro aspecto é o conhecimento da realidade daquilo que se deseja planejar, quais as principais necessidades que precisam ser trabalhadas; para que o planejador as evidencie faz-se necessário fazer primeiro um trabalho de sondagem da realidade daquilo que ele pretende planejar, para assim, traçar finalidades, metas ou objetivos daquilo que está mais urgente de se trabalhar.

Outro ponto apresentado é o afeto, nesse sentido, as gestoras estão coerentes com a Teoria do Apego (BOWLBY, 1989, 1995), que vê no processo de adaptação da criança uma oscilação de afeto entre o adulto responsável (muitas vezes a mãe), para um novo adulto (os profissionais da escola).

Depois, foi questionado “No processo de adaptação como lidar com as principais dificuldades das crianças?”. A gestora 1 disse que o melhor modo é ter o controle da situação, com calma, tendo sempre um “plano B” para o que surgir. A gestora 2 ao ser questionada sobre como lidar com as dificuldades das crianças, acrescenta que a firmeza é um ponto importante para lidar com essas dificuldades. E a gestora 3 diz que para ela, a maior dificuldade é o choro e, a amamentação em alguns casos. Observando sempre a criança, suas necessidades, e caso necessário convocando a família. A gestora entende que cada caso também tem sua especificidade, mas deve-se lembrar de que é necessário conquistar a confiança da criança. A gestora 3 também menciona a infantilização da criança feita geralmente pela mãe, que deixa a mesma sem nenhuma autonomia.

Além da importância do planejamento já comentada, a terceira gestora aponta algumas necessidades básicas das crianças como aspectos a serem considerados, tais como a amamentação e o choro. Ou seja, são aspectos biológicos do alunado que devem ser considerados, também, no processo de adaptação - além dos aspectos relatados como sentimento, etc.

Ao serem questionados “Como é previsto o processo de adaptação da criança dentro do ambiente escolar e de que forma as crianças são estimuladas a participar de atividades incomuns ao seu dia a dia”. A gestora 1 expõe que no

processo de adaptação é importante preparar brincadeiras desafiadoras para esses dias, visto que as crianças precisam interagir. Além do diálogo, conversando e entendendo-as. Diz ainda que uma surpresa pode ajudar a permanência no ambiente escolar. A gestora 2, ao ser perguntada como é previsto o processo de adaptação da criança dentro do ambiente escolar, diz que a criança fica livre para observar e explorar a escola. A professora instiga a criança a participar com atividades lúdicas e sensoriais. E a gestora 3, diz que das crianças que já andam - as mães devem chegar com elas andando, conversando com ela, pois este é um comportamento que transmite segurança, ressalta ainda que preparam atividades mais lúdicas e atividades em conjunto.

Pode-se entender que as gestoras veem na ludicidade um modo de facilitar o processo de adaptação, ou seja, as crianças para se adaptarem precisam estar, portanto, felizes. Neste sentido, analisando a fala das gestoras, entende-se que o processo de adaptação das crianças está relacionado aos seus responsáveis, se eles sentem-se seguros este acontece de forma mais saudável e tranquila.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada à escola pode ser um momento de muita dificuldade para todos os envolvidos: como a criança, a que mais sofre, por estar em um ambiente totalmente novo e que não provém de uma necessidade que não lhe é própria. Os pais, que muitas vezes se veem obrigados a colocarem seu filho numa escola, entregando-o nas mãos de outras pessoas; e os profissionais da educação que precisam carregar a enorme responsabilidade não apenas do processo de ensino aprendizagem, mas também do processo de adaptação, que exige muito mais que apenas domínio de conteúdo.

A esse cenário tão importante no início da vida escolar que se dá o nome de adaptação, foi possível verificar várias peculiaridades que compõem esse processo nas entrevistas com três gestoras da cidade de Anápolis que mencionaram as concepções sobre o processo de adaptação e as técnicas utilizadas para que se possa tornar esse momento mais fácil para todos os envolvidos, o que percebe está coerente com as teorias aqui discutidas.

Assim, espera-se com esse estudo contribuir para as discussões, que não se findam aqui, sobre a Teoria do Apego e das concepções acerca do processo de adaptação, na intenção de que a educação, que possui tantos problemas na

conjuntura do Brasil, possa se beneficiar de pesquisas que levam em consideração aspectos de construção de afeto e que questione os modos como os cuidados são feitos na idade infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. Estágio Supervisionado em prática de ensino: relevância para a formação ou mera atividade curricular? **Revista ANDE**, v.13, n. 20, p.39-42, 1994.

AUGUST, H; ESPERANDIO, M R G. Teoria do Apego: Origem, Desenvolvimento e Perspectivas. **Anais do Congresso ANPTECRE**, v. 5, 2015.

BALABAN, N. **O início da Vida Escolar: da separação à independência**. Porto Alegre: Artes médicas, 1988.

BORSA, J. C. **Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da gestação ao Puerpério. Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n.02, Abr/Mai/Jun 2007 Disponível em: acesso em: 19/04/2019.

BOWLBY, J. **Uma base segura – aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: ArtMed, 1989.

_____. **Cuidados maternos e saúde mental** (V. L. B. Souza & I. Rizzini, Trads.) (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1995

BRASIL. **Constituição**(1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

_____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI**. (Vol.1,2,3) Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABALLO, V. E. (2001) El papel de las habilidades sociales en el desarrollo de las relaciones interpersonales. In: ZAMIGNANI, D.R. (Org.), **Sobre comportamento e cognição. A aplicação da análise do comportamento e da terapia cognitiva-**

comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos (vol. 3, pp. 233-237). São Paulo: ESETEC – Editores Associados. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v10n1/28016.pdf> Acesso: 19/04/2019

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, 2005

GIORDANI, E. M; Mendes, A. M. M. Pedagogia Ontopsicológica na orientação do estágio dos anos iniciais do ensino fundamental. São Paulo. **Nuances: estudo sobre educação**. v. 20, n. 21, set./dez

GIORDANI, E. M. SIQUEIRA, G. M. Pedagogia Ontopsicológica e dificuldades de adaptação na educação infantil. **Anais do Congresso Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura Fundação Antonio Meneghetti & Antonio Meneghetti Faculdade – Recanto Maestro | 15 a 17 de out -2014**. Disponível em: <https://reciprocidade.emnuvens.com.br/novapedagogia/article/download/109/121> Acesso: em 19/04/2019.

GOSSELIN, C. Fonction des comportements parentaux: révision de la notion de sensibilité maternelle. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 6(2), 103-111, 2000.

GRILLO, Mônica Macedo Côrrea. **Período de Adaptação na pré-escola** (monografia). Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2005.

KRAMER, S. As Crianças de 0 A 6 Anos nas Políticas Educacionais no Brasil: Educação Infantil e é Fundamental. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 96 - **Especial**, p. 797-818, out. 2006.

M.ENEGETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4ª Ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice. 2010.

MONDIN, E. M. C. Interações afetivas na família e na pré-escola. **Estudos de Psicologia**, 2005, 10(1), 131-138. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v10n1/28016.pdf> Acesso: 20/04/2019.

OLIVEIRA, D. de A. **Gestão Democrática da Educação: Desafios Contemporâneos**. 7ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORTIZ M.J, FUENTES M.J, LÓPEZ F. Desenvolvimento socioafetivo na primeira infância. In: COLL C, MARCHESI A, PALACIOS J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2ª ed.vol.1. Porto Alegre: Artmed; 2004.

RAPOPORT, A; PICCININI, C A. O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 1, 2001. p. 81-95. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209.pdf>. Acesso em: 23\03\ 2019.

_____. A escolha do cuidador alternativo para o bebê para o bebê e a criança pequena. **Estudos de Psicologia**, 9 (3), 2004, 497-503.

ROCHA, R. de C. L. da. História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes. **AnalectaGuarapuava**, Paraná v. 3 no 2 p. 51-63 jul/dez. 2002.

ROSSETTI-FERREIRA M.C. O apego da criança à separação da mãe. **Uma revisão bibliográfica**. Cad. Pesq., São Paulo.1984

_____. M. C. **Mãe e criança. Separação e reencontro**. São Paulo: Edicom, 1986.

SILVA, M.S.P. da. A Legislação Brasileira e as Mudanças Na Educação Infantil. **Revista Retratos da Escola**, v. 5, n. 9, p. 229-244, jul/dez 2011.

SILVARES, E. **Porque trabalhar com a família quando se promove terapia comportamental de uma criança**. 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000167&pid=S0103-166X200900020000300032&lng=en. Acesso em 24/03/2019.

SOARES, R. M. de F. **A Produção Da Identidade Profissional Do Pedagogo: Entre Valores Crenças E Competências.** Programa de Pós-graduação em educação da UFPI. (artigo).(2014)

VIDOR, A. **Relação entre pais e filhos e a origem dos problemas.** Passo Fundo: Berthier, 1978.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago,1971.

_____. **A família e o desenvolvimento individual.** 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZAMBERLAN, M. A. T, & BIASOLI-ALVES, A. M. M. (1997). **Interações familiares – teoria, pesquisa e subsídios à intervenção.** Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina.

ANEXOS

ANEXO 1

Questionário: Adaptação da criança e as atenções especiais ao seu comportamento

Identificação:

Sexo: _____

Idade: _____

Graduação em: _____

Especialização em: _____

Tempo de Gestão: _____

1. Na sua instituição como é realizado o processo de adaptação da criança?
2. Em sua concepção, qual o papel da escola na adaptação?
3. No seu entendimento, qual o papel da família na adaptação?
4. Os pais participam da adaptação na escola? Se sim, por quanto tempo é indicado que permaneçam?
5. Como os pais podem participar e ajudar no período de adaptação?
6. Como é possível contornar os desafios do primeiro dia garantindo a satisfação da família?
7. No processo de adaptação como lidar com as principais dificuldades das crianças?
8. Como é previsto o processo de adaptação da criança dentro do ambiente escolar e de que forma as crianças são estimuladas a participar de atividades incomuns ao seu dia a dia?

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa – ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA E AS ATENÇÕES ESPECIAIS AO SEU COMPORTAMENTO-, no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

NOME DA PESQUISA: ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA E AS ATENÇÕES ESPECIAIS AO SEU COMPORTAMENTO

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: ALINE RORIZ CLEMENTE

OBJETIVOS: Analisar o comportamento das crianças durante o processo de adaptação escolar.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Caso concorde em participar deste experimento, você deverá responder a um questionário, com a finalidade de levantar dados referentes à adaptação da criança na escola.

RISCOS E DESCONFORTOS: Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

BENEFÍCIOS: Esperamos que este estudo possa promover a reflexão sobre a importância de entender o processo de adaptação da criança quando chega na escola.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Informamos que o (a) senhor (a) não pagará nem será remunerado por sua participação nesta pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Informamos que as informações serão

utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Assinatura do Pesquisador Responsável:

ALINE

RORIZ

CLEMENTE: _____

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
SUJEITO**

Eu, _____, inscrito no CPF sob nº _____, portador da R.G nº _____, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado pela pesquisadora – dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia do Termo de Consentimento.

Anápolis, _____ de _____ de 2019.

(Nome por extenso)

(Assinatura)

